

Ucrânia: o momento decisivo

Putin não conhece outra linguagem que não seja a da força. É preciso mostrar-lhe que é fraco.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 25 de janeiro de 2023

A guerra na Ucrânia está num momento decisivo. Depois do fracasso inicial da guerra-relâmpago e das sucessivas derrotas militares em Kiev, no Norte, Kharkiv, no Leste, e Kherson, no Sul, a Rússia mudou de estratégia. Começou por usar a energia e a alimentação como arma de guerra e continuou com uma guerra de atrição cruel e devastadora. Bombardeou, indiscriminadamente, infra-estruturas e populações civis, espalhando sofrimento, destruição e morte. O sucesso da resistência ucraniana, primeiro, e da contra-ofensiva, depois, levou a Rússia a escalar a violência contra os civis. Mas sem resultados militares. E sem, sequer, controlar no terreno as regiões que anexou formalmente.

É, hoje, claro que a Rússia não consegue ganhar a guerra. E, como tal, a única forma de a não perder é continuá-la. Apostando na devastação da Ucrânia e na fadiga e divisão dos aliados ocidentais. Para a Primavera anuncia-se a grande ofensiva russa. Ninguém mais do que os ucranianos querera o fim da guerra. Mas não, certamente, a qualquer preço. E não, certamente, à custa do seu território e da sua soberania.

E é por isso que, apesar das dificuldades inumanas que enfrentam, se mostram decididos a continuar a lutar. Têm as condições mais difíceis e ao mesmo tempo mais importantes: liderança política, resiliência social e um moral elevado. Mas precisam de tudo o resto. E os aliados ocidentais, que sabem que estão em jogo na Ucrânia os seus próprios valores e os seus próprios interesses, não têm poupado na ajuda. Nos planos político e diplomático, financeiro e militar. Mas no plano militar – formação e treino, apoio de *intelligence* e material bélico –, até agora, a lógica foi sempre defensiva. Na nova fase da guerra, isso não é suficiente.

Para libertar o seu território, a Ucrânia precisará de mais material e material mais moderno e sofisticado: tanques pesados, defesas antimísseis balísticos e drones. Ora, é essa a decisão que os aliados ocidentais têm pela frente: passar de uma lógica defensiva para uma lógica ofensiva na sua ajuda militar à Ucrânia. Fornecer esse armamento ou não? É essa a decisão. Uma decisão muito difícil. Porque qualquer das opções tem prós e contras e nenhuma delas é isenta de riscos. E é por isso que deve ser tomada com a maior prudência e o maior consenso possível entre os aliados da NATO e da UE.

Foi isto que esteve por trás do debate em Ramstein e é esta a questão que continua com os carros de combate Leopard 2. O momento é decisivo. E é decisivo porque as decisões que os aliados tomarem, hoje, sobre a condução da guerra ditarão, amanhã, condições

da paz. Prudência e consenso porque, se a decisão for sim, corre o risco de pôr em causa a preocupação, até agora conseguida, de ajudar a Ucrânia sem provocar o confronto directo entre a Rússia e a NATO. Prudência e consenso porque, se a decisão for sim, há o risco de provocar a escalada e concretizar a ameaça nuclear. Mas escalar é o que Putin tem feito desde o princípio: com as sucessivas mobilizações, os ataques contra os civis e a constante retórica de ameaça nuclear.

Mas se, por excesso de prudência ou falta de consenso, a decisão for não, os aliados ocidentais têm que estar, igualmente, conscientes dos riscos que correm. Primeiro, impedirão a Ucrânia de reconquistar o seu território ocupado e de definir os termos da negociação de paz. Isto é, seja por uma derrota ucraniana ou por um impasse prolongado de um conflito congelado, oferecerão à Rússia uma narrativa de vitória e uma posição de força na mesa das negociações. Segundo, não escaparão às suas consequências. Vencida a Ucrânia, passados anos de recuperação, novos alvos se seguirão depois. Como, antes, a Ucrânia se seguiu à Crimeia e à Geórgia. E, pior do que isso, Putin teria mostrado à evidência que o crime compensa. Que a violação do direito internacional, a agressão militar, a chantagem nuclear e os crimes de guerra dão resultado. Numa palavra, que as ditaduras são fortes e as democracias são fracas.

Putin não conhece outra linguagem que não seja a da força. É preciso mostrar-lhe que é fraco.

<https://www.publico.pt/2023/01/25/opiniaio/opiniaio/ucrania-momento-decisivo-2036248>